

A difícil arte de ser primeira dama – uma análise discursiva acerca da formação ideológica envolvendo mulheres

Margareth de Oliveira Michel*

Índice

1 Aparato Teórico	1
2 Contextualizando <i>as mulheres brasileiras</i> na história e no discurso	4
3 As Primeiras Damas - mulheres brasileiras em espaços de representação pública na mídia	7
4 A configuração da FD acerca <i>das primeiras-damas - mulheres brasileiras</i>	13
5 Referências Bibliográficas:	13

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar as Formações Discursivas e as Formações ideológicas envolvendo mulheres, no caso as Primeiras Damas, a partir dos pressupostos da Análise de Discurso Francesa e com base em Orlandi, Pêcheux, Ernst e outros autores e utiliza como objeto, recortes da mídia, textos jornalísticos que se referem à essas mulheres.

*Mestranda em Letras - Linguística Aplicada, professora da Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas.

Palavras-chave: Análise de Discurso-AD, Formação Discursiva - FD, Formação Ideológica - FI, Mídia, Primeira-Dama.

1 Aparato Teórico

A Análise do Discurso - AD, foi proposta por Michel Pêcheux¹, na França, a partir da filosofia materialista² quando põe em questão a prática das ciências humanas e a divisão do trabalho intelectual, com o objetivo de produzir um espaço de reflexão no qual as ciências se confrontassem, particularmente a história, a psicanálise e a linguística. Este espaço de discussão e compreensão é chamado de entremeio, e o objeto que é estudado aí

¹ Michel Pêcheux em sua tese "*Analyse Automatique du Discours*" em 1969.

² O objeto de estudo dos estruturalistas sempre foi a língua por ela mesma. A sua intenção era simplesmente a de descrever os diversos sistemas lingüísticos, independentemente das condições de produção ou até mesmo dos falantes que deles faziam uso. Se por um lado essa postura proporcionou à lingüística o status de ciência formalmente constituída, por outro acabou gerando uma série de equívocos

é o "discurso"³. Assim, é no entremeio das disciplinas que ocorre a reflexão discursiva.

Orlandi (1996), coloca que a AD trabalha com as relações de contradição que se estabelecem no espaço existente entre a linguística e as ciências das formações sociais, que, como uma disciplina de entremeio, caracteriza-se por repensar os conceitos destas ciências, questionando na linguística "a negação da historicidade inscrita na linguagem e, nas ciências das formações sociais, a noção de transparência da linguagem sobre a qual se assentam as teorias produzidas nestas áreas"⁴ Assim, a AD, por se constituir às margens das ciências humanas, opera nestas um profundo deslocamento de terreno, não sendo apenas a aplicação da linguística sobre as ciências sociais e vice-versa, mas sim

³ Discurso não é a transmissão de informação, mas sim o *efeito de sentidos entre os interlocutores, enquanto parte do funcionamento social geral*. Falar em discurso, segundo Cazarin (2005) significa reportar-se a um dos aspectos materiais da ideologia, pois é nele que língua e ideologia se encontram. (p.69) Para Cazarin, o trabalho do analista é o de realizar uma leitura crítica da forma de existência histórica do discurso, procurando compreender o funcionamento do mesmo, para depois, se for o caso, nos procedimentos da análise, explicitar de qual (is) característica(s) o mesmo se reveste e que efeitos de sentido isso provoca. (p69-70). As idéias de Pêcheux, conforme a autora, possibilitam pensar o discurso na sua ordem própria, distinta da materialidade da língua, mas que, conforme escreve Courtine (1999): *se realiza na língua: não na ordem do gramatical, mas na ordem do enunciável, na ordem do que constitui o sujeito falante em sujeito de seu discurso e ao qual ele se assujeita em contrapartida*. (p.71) CAZARIN, Ercília Ana. Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

⁴ Glossário de termos do discurso, disponível no seguinte endereço: <http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html> acesso em 01/09/2006.

produzindo um outro lugar de conhecimento com sua especificidade.

Conforme Ferreira⁵ (2004),

Nesse sentido, é importante ressaltar que os conceitos que a AD traz de outras áreas de saber, como a psicanálise, o marxismo, a linguística e o materialismo histórico, ao se integrarem ao corpo teórico do discurso, deixam de ser aquelas noções com os sentidos estritos originais e se ajustam à especificidade e à ordem própria da rede discursiva. É o que acontece, por exemplo, com os conceitos de inconsciente, ideologia, língua e história.

Desta forma, a AD permite trabalhar em busca dos processos de produção do sentido e de suas determinações histórico-sociais, implicando no reconhecimento de que há uma historicidade inscrita na linguagem na qual não se pode considerar a existência de um sentido literal (já posto), nem tampouco pensar que o sentido possa ser qualquer um, pois toda interpretação é regida por condições de produção.

Segundo Ernst⁶ (2006), em seu quadro epistemológico Pêcheux contesta a semântica formal pois ela não vê a questão do sujeito ligado à história que antecede o momento da enunciação, suas condições de produção⁷.

⁵ FERREIRA, Maria Cristina. As Interfaces da Análise de Discurso no Quadro das Ciências Humanas. Disponível em http://www.discurso.ufrgs.br/article.php?id_article=3 acesso em 15/02/2007

⁶ ERNST, Aracy, em abordagem realizada em sala de aula em 22/09/2006.

⁷ Reformulação feita por Pêcheux que diz respeito aos processos sócio-históricos, onde os sentidos são determinados pela ideologia.

A AD, conforme Pêcheux, opera um deslocamento nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, abrindo um campo de questões no interior da própria linguística, cuja função é singular pois em sua constituição epistemológica⁸ se inscreve na confluência de três regiões do conhecimento científico, todas elas atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica):

a) o materialismo histórico, como teoria das formações sociais, incluindo aí a ideologia;

b) a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;

c) a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Conforme Ferreira (2004), a AD visa tematizar o objeto discursivo (consiste num objeto-fronteira - atua nos limites das outras divisões disciplinares) o qual se constitui de uma materialidade linguística e de uma materialidade histórica, simultaneamente, recortando, portanto, seu objeto teórico (o discurso), distinguindo-se da linguística imane, que se centra na língua, nela e por ela mesma, e também das demais ciências humanas, que usam a língua como instrumento para a explicação de textos. Propõe ainda,

⁸ Através de sua preocupação com o método e de suas discussões sobre o acontecimento e sobre o estatuto do sujeito na linguagem, Pêcheux (1988) trouxe contribuições fundamentais para a constituição da AD. Ao conceber o discurso como uma instância inteiramente histórica e social, ele rompe com o "narcisismo da estrutura", demonstrando que a linguagem, enquanto discurso, não pode ser compreendida como uma unidade significativa, mas como um efeito de sentido entre os sujeitos que a utilizam. In: Ferreira (2004).

o deslocamento das noções de linguagem⁹ e sujeito¹⁰ que ocorre a partir de um trabalho com a ideologia.

O sujeito, dadas as forças e interesses que sobre ele operam e se confrontam, esse sujeito que fala e interpreta sentidos, na verdade não é livre para dizer o que quer, pois é levado a formular enunciados¹¹ - de acordo com o lugar social que ocupa - sem sequer se conscientizar disso. É por isso que na AD deve ser considerado, na produção de um determinado discurso, o contexto histórico-ideológico que atua sobre o sujeito.

Desta forma, para a AD, todo o discurso é formado por diferentes vozes. De acordo com este pressuposto, um enunciado é resultado de outros dizeres, de produções enunciativas já ditas. Assim toda formação discursiva é heterogênea e implica na noção de Formação Discursiva¹² (FD):

"No quadro teórico do marxismo althusseriano, ele propunha que toda "formação social", caracterizável por uma certa relação

⁹ Entendida enquanto produção social e considerando-se a exterioridade como constitutiva.

¹⁰ Deixa de ser centro e origem do seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído

¹¹ De acordo com Charaudeau e Mainguenu (2004: 196), em análise de discurso francófona, a oposição estabelecida por Guespin entre discurso e enunciado exerceu uma influência precisa: "O enunciado é a sucessão de frases emitidas entre dois brancos semânticos, duas pausas da comunicação; o discurso é o enunciado considerado do ponto de vista do mecanismo discursivo que o condiciona. Assim, olhar um texto sob a perspectiva de sua estruturação "em língua" permite torná-lo um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção desse texto possibilita considerá-lo um discurso.(1971:10)

¹² Introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux no quadro da análise de discurso.

entre as classes sociais, implica a existência de "posições políticas e ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou dominação". Essas formações ideológicas incluem "uma ou várias *formações discursivas interligadas*, que determinam *o que pode e deve ser dito* [...] a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada". (Haroche, Henry e Pêcheux, 1971: 102). Essa tese tem incidência sobre a semântica, pois "as palavras 'mudam de sentido', quando passam de uma formação discursiva a outra"(ibid). É nas formações discursivas que se opera o "assujeitamento", a "interpelação" do sujeito como sujeito ideológico."(Charaudeau e Mainguenu, 2004:241)

A noção de Formação Discursiva (FD) constitui elemento importante para a composição deste quadro teórico, pois estão filiadas às Formações Ideológicas¹³ (FI), que interpelam um sujeito que é ideológico, que acredita que é dono do que fala, mas que na realidade, "*fala do lugar ou posição que ocupa em uma classe social de uma determinada formação social*". Em razão dito

¹³ Segundo Pêcheux, "*é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma*", sendo necessário remetê-lo ao conjunto que o cerca. Logo, é fundamental entender a noção de ideologia, que, na concepção marxista, está intimamente ligada aos anseios de uma classe dominante que determina, através de um construto coerente de regras, normas, representações e valores, todo o modo de pensar e agir de um período histórico. Assim, esse grupo que detém a autonomia social reparte entre os homens seu pensamento e cria nestes uma consciência ilusória da realidade – as Formações Ideológicas (FI) -, que passa a ser aceita por todos e permite excluir contradições entre as forças de produção e relações sociais "*resultantes da divisão social do trabalho material e intelectual*".

há sujeitos que têm uma postura ideológica enquanto outros têm uma postura ideológica contrária, confrontando ou aderindo aos sentidos das palavras, utilizando escolhas lexicais distintas para produzi-las. Quando uma mesma seqüência existe dentro de diferentes FDs pode ter mais de uma significação pois "as condições de produção determinam ou limitam o sentido de um enunciado", e a partir daí pode-se entender a noção de "memória discursiva"¹⁴ na qual são possíveis "repetições de discursos", os quais sustentam as posições ideológicas dos sujeitos.

A noção de discurso como "efeito de sentidos" entre sujeitos que ocupam "lugares determinados na estrutura de uma formação social" (PÊCHEUX, 1990, p. 82), permite afirmar que as identidades são um processo e um efeito de discurso, porque emergem pelo emprego de estratégias específicas no interior de práticas discursivas.

2 Contextualizando as mulheres brasileiras na história e no discurso

A diferenciação dos gêneros acompanhou toda a história da civilização, desta maneira, passando por várias áreas da sociedade. A luta das mulheres pela igualdade de direitos é histórica, pois vista na maioria das culturas como "o segundo sexo", isto é, aquele que deriva do primeiro - o masculino, a mulher

¹⁴ Charaudeau e Mainguenu (2004: 324) explicam "*memória discursiva*": dizendo que o discurso tem relação com a memória de maneira constitutiva, em dois planos complementares: o da *textualidade* e o da *história*.

representou durante longo tempo uma mercadoria de troca, um bem a ser possuído¹⁵.

A história do movimento feminista tem sido responsável, através das lutas e conquistas de tantas mulheres (muitas delas mártires de seu ideal) no decorrer de quase dois séculos, por diversas conquistas. Os resultados destas lutas leva a humanidade a iniciar um novo milênio diante da aparente constatação de que ela buscou e conquistou seu lugar, de que mais que isso, a mulher assegurou seu direito à cidadania, legitimando seu papel enquanto agente transformador.

O movimento feminista acontece no contexto mundial e por conseqüência, também no Brasil, consistindo num fenômeno que se relaciona entre si, não importando onde se localiza.

No decorrer do tempo, tanto o feminismo mundial quanto o feminismo brasileiro mudaram, fosse o movimento sufragista ou emancipacionista do século XIX, levando a mulher a obter uma maior participação no espaço público depois da Primeira Guerra, do desenvolvimento industrial e do acesso a melhor escolaridade, assim como a divulgação da sua causa através da imprensa.

Embora os avanços alcançados e a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho,

¹⁵ No patriarcalismo capitalista, a idéia era a de posse dos bens e a garantia da herança dela para as futuras gerações. A sexualidade da mulher, nesta visão mercantil era percebida como repasse de bens materiais, através da herança e de reprodução da sua linhagem. A mulher passou a ser propriedade do marido e sua função foi sendo restrita ao mundo doméstico, submissa ao homem. “Nós não queremos mais desigualdade entre homem e mulher!” (Sandra – Pedra II). Falcão, Almeida, Moraes, e Araújo, em seu artigo “Dia Internacional da Mulher no Município de Caraubas/RN - Um Resgate Histórico”.

muitos eram os empecilhos para o desenvolvimento de suas atividades profissionais¹⁶.

No contexto dos movimentos cujo "objeto" era sempre reivindicatório, no século 18, foi o direito a educação, no século 19, o direito ao voto. Aqui surge a segunda onda do movimento feminista, nos anos 60, em torno da afirmação de que o "pessoal é político", quando acontece um grande e profundo questionamento dos parâmetros conceituais do político, tendo este conceito (até então entendido no âmbito da esfera pública e da relações sociais que aí acontecem) os seus limites rompidos. A política passa no âmbito da esfera pública, a ser entendida como o uso limitado do poder social ao afirmar que “o pessoal é político”,

“o feminismo trás para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. O movimento resignificou o poder político e a forma de entender a política ao colocar novos espaços no privado e no doméstico. Sua força está em recolocar a forma de entender a política e o poder, de questionar o conteúdo formal que se atribuiu ao poder a as formas em que é exercido. Distingue-se dos outros movimentos de mulheres por defender os interesses de gênero das mulheres, por questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, pela definição da sua auto-

¹⁶ Segundo Maluf & Mott (1998, p. 401-402), “Professora, enfermeira, ou atuando em outras áreas, mulheres casadas “precisavam da autorização do marido para exercer qualquer profissão fora do lar – atividade que só era considerada legítima quando necessária para o sustento da família, raramente para realização pessoal”.

nomia em relação a outros movimentos, organizações e o Estado e pelo princípio organizativo da horizontalidade, isto é, da não existência de esferas de decisões hierarquizadas (ALVAREZ: 1990, p.23).

As temáticas femininas passam a abranger desde as questões de gênero até o tratamento nas áreas de violência e de direitos humanos e vão percorrendo perspectivas partidárias, profissionais, ecológicas, comunitárias, e outras, nas quais novos conhecimentos e novas sínteses vão sendo produzidas, onde suas linhas de atuação especializam-se abrangendo estudos e pesquisa, assessoria, defesa e promoção de direitos e de cidadania, capacitação, articulação, comunicação política¹⁷.

A politização do espaço privado pelas feministas vem da reflexão sobre o processo de segregação e submissão que as mulheres sofreram por milhares de anos quando os elementos opressores aos poucos começam a ser denunciados proporcionando assim, a recuperação da esfera do privado e sua respectiva politização que apontam para a importância de se construir projetos de felicidade, de democracia, de fraternidade no âmbito das relações interpessoais.

O feminismo brasileiro mudou também em relação aos anos 70, 80 e 90.

A década de setenta constituiu um marco para o movimento de mulheres no Brasil, que apesar da ditadura política, vão às ruas reivindicando a redemocratização do país e a melhoria nas condições de vida e de trabalho da população brasileira e na década de oitenta, o movimento se amplia e se diversi-

¹⁷ Em 1967 foi elaborada a primeira Constituição após a Declaração Universal dos Direitos Humanos que garante a igualdade legal, sem distinção de sexo.

fica, ocupando os espaços políticos, sindicatos e associações de bairro.

A luta da mulher pela igualdade e pelo reconhecimento de seus direitos chega ao século vinte e um com muitas vitórias¹⁸, algumas das quais tem grande relação com o impacto e poder dos meios de comunicação de massa na sociedade. A política, na qual também a mulher se insere, torna-se um espetáculo mediatizado pelos meios de comunicação de massa, cujo poder simbólico, de acordo com J.B. Thompson, causa grande impacto na comunicação social, e não permite que a comunicação entre as pessoas fique inalterada, criando um discurso próprio, através do qual são criadas novas relações sociais e novas maneiras de relacionamento dos indivíduos com os outros e consigo.

A Modernidade trás consigo o processo de expansão das redes de comunicação, os fluxos de informação e sua globalização, assim como seu entrelaçamento com as formas de poder - econômico, político e militar que é utilizado pelos atores sociais (individuais e coletivos) na conquista e alcance de seus objetivos. Ocorre o desenvolvimento acentuado das instituições midiáticas, e o crescimento de novas redes de comunicação e informação, que atuam no imaginário popular e permitem a criação de ídolos e de mitos. O discurso midiático seduz (Ferrés, 1998) e permite que especialmente o discurso político, uma vez mediatizado torne-se sedutor.

Thompson (1998) explora o impacto do discurso da mídia na relação entre o público e o privado e na mudança do vínculo entre a

¹⁸ É preciso destacar aqui que os movimentos feministas obtiveram avanços significativos no Ocidente e que apenas em alguns países e áreas do Oriente este avanço ocorreu. Há muitos países em que as condições das mulheres ainda são extremamente precárias.

visibilidade e o poder¹⁹, considerando que o movimento de liberação da mulher é um movimento contínuo no qual está sempre presente uma disputa de poder, seja econômico (gerado pelo lucro) ou simbólico (gerado pelas informações) que consistem nas principais maneiras de obter sucesso e que com a evolução da sociedade. O autor coloca que ocorreu também a evolução da noção de cidadania, a qual está representada/ mostrada na mídia e que se relaciona diretamente com a mulher.

O desenvolvimento da mídia teve enorme influência na mudança dessa relação, superando a publicidade da co-presença para a midiática. Desloca a relação privado/público para a de visibilidade/invisibilidade. Tal mudança teve enorme repercussão na política, expondo os políticos a uma publicidade maior, que eles procuram administrar, mas sobre a qual não têm total domínio [...]. (THOMPSON, 1998)

Ocorre que, embora as vitórias alcançadas, a disputa de poder levantada por Thompson está presente e as mulheres ainda vivem numa sociedade que lhe dá respostas ineficazes, em que a supremacia dos homens não permite o atendimento dos verdadeiros anseios da população feminina, embora a mulher tenha direito ao voto, torne-se independente, possa exercer sua atividade profissional sem depender da autorização de ninguém, e torne-se "dona" do próprio corpo

A mídia consiste um *locus* especial de análise da ação do discurso e das imagens

¹⁹ No Livro "A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia" (Petrópolis, RJ: Vozes, 1998) J. B. Thompson nos esclarece que "poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas conseqüências".

das mulheres modelando-as e assujeitando-as a uma certa representação do feminino. Em seus discursos, articula elementos discursivos diversos e heterogêneos para a produção de identidade(s) das mulheres, nos quais ocorre uma descontinuidade entre os enunciados e os aspectos resgatados de nossa memória histórica.

Por isso, apesar de evidentes modificações nas relações de gênero, o que aqui se pretende analisar é a dimensão das representações sociais do feminino, especificando que tipos de sentidos são produzidos sobre sua identidade no discurso da mídia, quais as representações constitutivas das configurações identitárias das mulheres aqui representadas pelas primeiras-damas (já que presentes na apreensão do real), e compreender, a partir do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso francesa, a relação entre o discurso da mídia hoje, e práticas discursivas que procuraram objetivar a mulher por elas representada.

3 As Primeiras Damas - mulheres brasileiras em espaços de representação pública na mídia

A produção de sentido decorrente dos discursos presentes nas mensagens veiculadas pela mídia²⁰ gera calorosos confrontos presentes

²⁰ Mídia no Brasil: é um termo utilizado em comunicação e pode apresentar vários significados: os meios de comunicação; os veículos de comunicação; a comunicação de massa; mídia: área da publicidade responsável pela veiculação de anúncios, ou ainda, uma mídia de armazenamento é o suporte no qual pode se registrar a informação digital, entre outros. Retirado de "<http://pt.wikipedia.org/wiki/M>" consulta em 27/07/2006. Para Gohn (2000: 19), "mídia é o

numa dinâmica social que envolve processos organizados e organizadores múltiplos, em que estão presentes grandes corporações de mídia e a sociedade como um todo. As práticas cotidianas e a produção midiática geram grande desequilíbrio na capacidade de organização dos relatos/discursos e de velocidade dos fluxos de informação entre as organizações midiáticas e os processos comunicativos do dia-a-dia, dos quais a mídia é uma referência marcante entre tantas outras.

Os relatos/discursos dos veículos de comunicação fornecem um referencial simbó-

conjunto de instituições, negócios ou organizações que produz e transmite informações para determinados públicos, de audiência, leitores e grupos especializados. A autora inclui jornais, rádios, estações de televisão (canais regulares e a cabo), magazines, boletins, mídia computadorizada "on-line", mídia interativa via computador, filmes e vídeos. A mídia, cuja produção vai ser analisada neste artigo, consistiu-se da mídia impressa e digital, de produção jornalística. A sofisticação das ferramentas de pesquisa vêm permitindo fazer identificação precisa de diferentes nichos de consumidores, analisando seus conjuntos de valores e as sutis diferenças em seus estilos de vida". Nessa perspectiva, segundo a ANER- Associação Nacional de Editores de Revistas- as revistas se tornam imbatíveis para atingir o público certo da maneira exata e de modo eficiente e objetivo. Falando diretamente com o leitor sobre conteúdos de interesse específico na linguagem que ele vivencia, as revistas se tornam ainda mais íntimas e, porque não dizer, cúmplices de seus públicos. Há uma revista certa para cada tipo de consumidor e há um consumidor certo para cada tipo de revista. O mercado editorial de revistas é um mercado bastante competitivo. Mensalmente, são lançados cerca de 2000 títulos de revistas, distribuídos nos 30 mil pontos de vendas de bancas brasileiras."

Quanto à mídia digital, neste caso, a Internet, "O elevado nível de segmentação que o mercado editorial apresenta permite focar diferentes segmentos de comunicação, propiciando espaços alternativos para expressar opiniões e divulgar / tematizar diferentes áreas de interesse.

lico comum que faz falar, e a mídia se constitui num lugar social a partir do qual novos relatos surgirão. Ferrés (1996: 110) coloca que "O receptor costuma viver com a convicção de que nos relatos não há discurso. Na realidade, tanto os personagens do relato como a própria estrutura da narrativa são portadores de significações. São reflexo da ideologia do autor, legitimam-na, reforçam-na."

Os discursos enunciados pela mídia alimentam-se de referências sociais e de uma memória dinâmica que enriquecem as diversas comunicações realizadas e provocam na relação entre a mídia e as práticas cotidianas, uma tensão dialética que força um movimento entre lugares organizados pela mídia e o espaço criado pelas práticas cotidianas, resultando em diferentes contextos. "A criação de contextos é também um recurso eficaz para conferir valor e dignificação à realidade de maneira aleatória, pouco ou nada racional e quase sempre inconsciente." Ferrés, 57).

Ao afirmar que "É a informação, não a realidade, a que constrói a sociedade" Ferrés (1996:164) fala na construção de modelos pelo discurso midiático, afirmando que as informações (especialmente as políticas) despertam interesse e possuem uma eficácia socializadora em função das implicações emotivas que provocam através dos mecanismos psicológicos de identificação e de projeção.

Há então uma necessidade de realizar um trabalho interdisciplinar, lançando mão tanto dos conhecimentos da área da Comunicação, quanto da Psicologia e da Linguística para analisar o discurso da mídia. Leite (2003:101), afirma que "uma das grandes contribuições da Análise de Discurso para o estudo do texto é articular o linguístico ao sócio-histórico, este entendido como exterior constitutivo daquele. Isto significa que

a exterioridade se inscreve no próprio texto e não como algo que está fora e se reflete nele. "Assim, na materialidade do discurso 'exibe-se a articulação da língua com a História' (Gregolin, 2000)."Aqui esta articulação ocorre também com a mídia.

Uma vez que o objeto de estudos sobre o qual lançamos o olhar refere-se à mídia, mais especificamente à prática jornalística, é pertinente lembrar que segundo Romão²¹:

O discurso jornalístico impresso permite que os movimentos de trânsito do sujeito sejam marcados por uma materialidade física, ou melhor, ao manusear os cadernos de um jornal, é possível aumentar ou diminuir o zoom, aproximar-se mais de uma determinada notícia no caderno de cultura, olhar a vista panorâmica da primeira página, localizar-se em meio às letras esportivas, deslocar-se para os relatos sobre política, usando a organização já dada pelo jornal sob a forma de cadernos, sessões, números das páginas etc. Existe também a chance de ler apenas as manchetes e as linhas finas, observar tão somente as fotografias, dedicar-se a alguns cadernos em especial buscando deslizar os olhos sobre algo que traduza interesse, desfolhar os cadernos e as páginas e ajuntá-los novamente, deslocar-se de maneira linear, ou desordenada que seja, mas, ainda assim, marcada e atravessada pelo corpo físico do papel jornal, e essa fisicalidade apresenta um limite por onde o sujeito pode se mover, circular e produzir sentidos.

²¹ ROMÃO. Lucília Maria Sousa. (FF-CLRP/USP)O DISCURSO JORNALÍSTICO IMPRESSO E ELETRÔNICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUJEITO - apresentado no XXI Encontro Nacional da ANPOLL - Domínios do saber: história, instituições e, práticas, realizado de 19 a 21/07/2006 na PUC-SP em São Paulo

O tema "Primeiras-Damas" torna-se interessante e motivador tendo em vista que refere-se a um determinado olhar da mídia sobre a mulher, e principalmente à sua trajetória na sociedade, ligando-se à política.

O material de análise para este trabalho, todo ele relativo às primeiras-damas, foi coletado através de artigos jornalísticos, em revistas e no site Observatório da Imprensa na Internet, dos quais serão aproveitados fragmentos.

Foi Lígia Martins de Almeida, ex-repórter do Jornal da Tarde (SP), também da revista *Veja*, ex-editora da *Nova* e da *Claudia* e ex-redatora-chefe da *Máxima*, atualmente diretora do site *Muito Melhor*²², quem começou, na campanha eleitoral de 2006, o debate em torno do papel de uma primeira-dama e de sua função política, no site Observatório da Imprensa²³ ao questionar a função da esposa do presidente. Jornalista, ela cobrou

²² www.muitomelhor.com.br

²³ O Observatório da Imprensa é uma iniciativa do Projor – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo e projeto original do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É um veículo jornalístico focado na crítica da mídia, com presença regular na internet desde abril de 1996. Nascido como site na web, em maio de 1998 o Observatório da Imprensa ganhou uma versão televisiva, produzida pela TVE do Rio de Janeiro e TV Cultura de São Paulo, e transmitida semanalmente pela Rede Pública de Televisão. Entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária que pretende acompanhar, junto com outras organizações da sociedade civil, o desempenho da mídia brasileira. O Observatório da Imprensa funciona como um fórum permanente onde os usuários da mídia – leitores, ouvintes, telespectadores e internautas –, organizados em associações desvinculadas do estabelecimento jornalístico, poderão manifestar-se e participar ativamente num processo no qual, até há pouco, desempenhavam o papel de agentes passivos. Disponível em

da mídia - no caso a imprensa brasileira - uma maior profundidade ao tratar o tema, de forma que ficassem claros pontos que justificassem esse papel político. Não se trata aqui exclusivamente da imprensa feminina, pois vários jornalistas do sexo masculino, em revistas dirigidas ao público em geral, também abordam o tema.

Os artigos²⁴, cujos fragmentos serão analisados, contém abordagens relativas ao papel histórico das primeiras-damas²⁵, ligadas às atividades que os jornalistas lhes atribuem, em sua maioria ligadas à assistência social, especialmente no Brasil. O discurso relativo ao assistencialismo atribuído às primeiras-damas é tradicional e neste aspecto podem ser encontrados registros e referências não só na mídia jornalística, mas também em documentos do governo, tais como o documento preliminar para a 1ª Conferência Nacional de Assistência Social em que "o Presidente do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) à época afirmava que "histo-

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/index.asp> acesso em 15/03/2007.

²⁴ As primeiras-damas mudaram 22/01/2003, Imprensa e as Primeiras-Damas O lado fashion do poder - 16/5/2006 e O que faz a primeira-dama? (10/10/2006), reportagens de Lígia Martins de Almeida, publicadas em diferentes veículos de comunicação e retiradas do Observatório da Imprensa; Primeiras Damas da jornalista Andréia Bahia no Jornal Opção On Line de 31 de agosto a 06 de setembro de 2003; Primeira dama na Berlinda - Marcione Formiga Flash News - no. 174

²⁵ **Primeira-dama** é o nome que recebe a esposa de um governante (no caso do Brasil: presidente da República, governador de estado ou prefeito de município). Durante as juntas militares provisórias, de 24 de outubro de 1930 a 3 de novembro de 1930, e de 31 de agosto de 1969 a 30 de outubro de 1969, as respectivas esposas dos chefes do Executivo não são consideradas primeiras-damas.

ricamente, a assistência social tem sido vista como a ação tradicionalmente paternalista e clientelista do poder público, associada às Primeiras-Damas, com um caráter de "bem-estar", transformando o usuário na condição de "assistido", "favorecido", e nunca como cidadão, usuário de um serviço a que tem direito. Desta forma, confundia-se a assistência social com a caridade da Igreja, com a ajuda aos pobres e necessitados...."²⁶

Aqui o enunciado presente na maioria das reportagens implica na construção de uma

²⁶ Carlos Alberto Monteiro de Aguiar em seu artigo "Assistência Social no Brasil: a mudança do modelo de gestão" primeiro assegura a assistência social como direito do cidadão, afirmando a seguir que esse papel atribuído às primeiras-damas é tradicional e que através dele a assistência social era vista "de forma dicotomizada, com caráter residual, próxima das práticas filantrópicas, um espaço de reprodução da exclusão e privilégios e não como mecanismo possível de universalização de direitos sociais. A assistência sempre se apresentou aos segmentos progressistas da sociedade como uma prática e não como uma política".

Em seu artigo o autor coloca que "O "primeiro-damismo" é a institucionalização do assistencialismo na figura da mulher do governante(...) A assistência social como política pública se ocupa do provimento de atenções para enfrentar as fragilidades de determinados segmentos sociais, superar exclusões sociais e defender e vigiar os direitos dos mínimos de cidadania e dignidade. (...)". Ele faz uma crítica à política existente que aponta para o "primeiro-damismo", e que reserva à esposa do governante (com ou sem formação ou conhecimento na área) um trabalho de assistência social, embora na maior parte dos governos existam estruturas específicas para isto, ocorrendo a partir daí duplicação de comandos, conflitos explícitos ou velados, como na ex-FLBA e o MBES em nível nacional, podendo porém o conflito ocorrer também nos Estados e nos Municípios. "Esse papel atribuído às primeiras-damas é tradicional e através dele, muitas vezes, processa-se uma política de caráter clientelista". Disponível em www.fundap.sp.gov.br/publicacoes/TextosTecnicos/xtec3.htm - 89k acesso em 15/03/2007

identidade das primeiras-damas, enquanto mulheres, filiada à uma formação ideológica, onde a mulher na sociedade continua sendo subordinada ao homem e às suas práticas políticas.

Tais afirmativas encontram eco em matérias jornalísticas como as da jornalista Lígia Martins de Almeida (O que faz a primeira-dama), quando ao mesmo tempo em que questiona o que faz uma primeira-dama ela afirma que a mídia brasileira precisa copiar a imprensa americana na cobertura de eleições com relação ao destaque dado às esposas dos candidatos. Na mesma matéria a jornalista refere-se ao fato da atual primeira-dama brasileira, dona Marisa Silva, apareceu raras vezes na imprensa e sempre "por motivos fúteis":

“A primeira aparição foi na cobertura da posse, graças ao elegante vestido vermelho. Nas vezes seguintes, só mereceu algumas linhas por fazer reformas, nada essenciais, em sua moradia em Brasília: trocou a roupa de cama do palácio, modificou o projeto paisagístico do belo jardim com uma estrela de flores vermelhas e dedicou-se, acima de tudo, a se manter em forma (com direito a personal trainer) e com uma aparência bem cuidada.”

Segundo Andréia Bahia²⁷, na Primeira República no Brasil (1889-1930) "as primeiras-damas se limitavam aos afazeres domésticos". A jornalista afirma que "Passaram a ocupar um papel mais relevante a partir de Darcy Vargas, mulher de Getúlio Vargas e fundadora da LBA."²⁸ Bahia analisa

²⁷ Em seu artigo Primeiras-Damas, no jornal *Opção* - On Line de 31 de agosto a 06 de setembro de 2003

²⁸ As mulheres de presidentes começaram a ter visibilidade nos Estados Unidos e a primeira a possuir luz própria foi Eleanor Roosevelt, por sua inteligência

as primeiras-damas brasileiras em sucessão cronológica, colocando que Yolanda Costa e Silva teve maior papel de destaque durante o regime militar, mas sua passagem espalhafatosa por Brasília só foi ofuscada por Dulce Figueiredo (que entrou para a história como exibicionista e sem classe). Marly, a esposa de José Sarney foi o extremo da descrição no papel de primeira-dama pois jamais opinou sobre assuntos de governo. De Rosane Collor "lembramos da peruíce, dos escândalos na LBA, do comportamento provinciano e das roupas e cortes de cabelos de extremo mau gosto" ao passo que "Ruth Cardoso²⁹, desde que assumiu o posto de primeira-dama, manteve o mesmo estilo de vida anterior ao poder e, em vez de distribuir cestas básicas, idealizou o programa Comunidade Solidária." De Marisa Silva Andréia fala que:

Marisa é neta de imigrantes italianos, filha

cia. Mas toda a simbologia do cargo foi construída em torno da imagem sofisticada de Jacqueline Kennedy, desfilando ao lado de John Kennedy.

²⁹ Ruth Cardoso nunca se fez presente onde não era necessária. Por isso, talvez se tenha saudade de seu estilo discreto, seu *tailleur* em cores pastel e suas opiniões ponderadas que, por mais de uma vez, divergiram das do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Numa entrevista, já no final do mandato do marido, disse que a imprensa, no começo, incomodou. Discutia suas roupas, suas jóias, seus óculos e cabelo, sem lembrar de uma vida toda dedicada à carreira universitária e à família. Mas durou pouco. Afinal, uma primeira-dama que repete roupas e jóias e que faz um trabalho sério não rende boas fotos e textos divertidos. Com Ruth terminou - felizmente - a era das "peruas" e da futilidade no Alvorada. Ela abriu caminho para um novo momento que poderia começar logo, se a imprensa feminina resolvesse falar sério com Marisa da Silva. Afinal, não se enfrenta o trabalho na fábrica, a luta sindical, a prisão do marido e 12 anos de campanha política para chegar à Presidência sem adquirir uma clara visão da política nacional.

de agricultores e ex-operária. Está com Lula desde a primeira campanha presidencial, em 1989, mas, pela primeira vez, participou ativamente. Para aparecer nos programas eleitorais, Marisa emagreceu, mudou o corte do cabelo com Wanderley Nunes, o cabeleireiro de Gisele Bündchen, trocou as saias floridas por terninhos elegantes e se submeteu a uma cirurgia plástica e um lifting facial que a rejuvenesceu vários anos. Coisas do marqueteiro Duda Mendonça. Era apresentada por Lula em todos os comícios como sua cara-metade. [...] Falam de uma mulher discreta, que se contentava em estar atrás do marido, que começou a trabalhar aos 9 anos como pajem e mais tarde deixou a rede municipal de ensino para cuidar dos filhos. Durante a campanha, Marisa dizia que, se Lula fosse eleito, iria se dedicar aos trabalhos com a juventude e combater a violência. Mas, até hoje, sua principal função é a de dama de companhia do presidente. [...] No São Paulo Fashion Week, dividiu as atenções com a top model Gisele Bündchen. [...] Para escolher seus terninhos, Marisa Letícia conta com uma assessoria especializada, assim como tem funcionárias pagas pelo dinheiro público para cuidar de sua agenda, que é a mesma do presidente. Sua equipe pessoal ainda é composta de uma cabeleireira e maquiadora, e uma consultora de moda.

Lígia Martins de Almeida³⁰ referindo-se a dona Marisa Silva³¹ comenta que "Teve tam-

³⁰ O que faz a primeira-dama? (10/10/2006).

³¹ Depois da professora Ruth Cardoso, chegou a vez da operária Marisa da Silva. E a imprensa, que saudou a intelectual, se rende à elegância da ex-operária. Os destaques vão para o vestido vermelho da posse, a simplicidade em usar um cabeleireiro de Brasília para a festa da investidura do marido e, é claro, a habilidade culinária da primeira-dama. Afinal, não é qualquer dona-de-casa que tem no currículo o fato de ter preparado, com sucesso, um frango com

bém o caso do gabinete que ela ganhou – ou exigiu – no mesmo andar em que despacha o marido presidente – onde, por dever do cargo, deveria fazer o trabalho de coordenação do Fundo Social da Presidência. Se fez e o que fez, a imprensa ainda não contou" e conclui:

Talvez seja hora de a imprensa informar ao público quais são os direitos e deveres da primeira-dama. Já que uma parte do orçamento da União é reservado para que a mulher do presidente faça um trabalho, os eleitores têm direito de saber se o dinheiro é bem gasto. [...] seria interessante saber se ela fez alguma coisa nesse mandato que termina agora, além de mudar a cor do cabelo e detalhes da decoração do Palácio da Alvorada.

O jornalista Marcone Formiga em seu artigo "A difícil arte de ser a primeira-dama", na revista Flash news, faz uma referência à provocação da sua colega Lígia Almeida, e tenta de certa forma responder ao seu questionamento. Ao fazer isto, ele busca um resgate de quem e quais foram as primeiras-damas no Brasil, constrói através das enunciações de seu discurso sobre elas, identidades vinculadas a diferentes formações ideológicas através do tempo, citando características e atividades por elas desenvolvidas, numa realidade histórica e heterogênea em que várias vozes se mesclam. Referindo-se à Darcy Vargas, Donas Santinha, Dulce Figueiredo, Rosane Collor, Ruth Cardoso e Dona Marisa da Silva, o jornalista citando características e atividades por elas desenvolvidas, discorda de Andréia Bahia sobre Yolanda Costa

polenta para o comandante Fidel Castro. No mais, fala-se do romance do primeiro casal, da criação dos filhos e da maneira discreta como sabe se conduzir.

e Silva, que de acordo com ele, tinha personalidade forte e controvertida, a ponto de ser temida pelos ministros civis e odiada pelos militares, tendo sido sem dúvida, uma eminência parda durante a passagem do marido pelo poder).

Almeida critica a imprensa feminina, que se vangloria de prestar serviços às mulheres, afirmando que não é necessário deixar de lado temas como moda, beleza, decoração e temas afins, mas que necessário abrir espaço em sua pauta para assuntos de real importância, mostrando que a mulher deixou de ser a mulher escondida atrás de um grande homem, "Que, como fez questão de enfatizar o presidente Lula, somos "companheiras" no sentido mais amplo da palavra?", aproveitando para falar sério e mostrar as atividades sociais sérias e responsáveis que lhes cabem.

4 A configuração da FD acerca das primeiras-damas - mulheres brasileiras

Nos fragmentos de textos analisados percebe-se a existência de uma "unidade" em alguns pontos: as primeiras-damas ou são discretas e voltadas para atividades assistenciais, ou se preocupam com a beleza, a moda, a sociedade. Percebe-se que há nos textos da mídia a ilusão de unidade de sentido, pois para Gregolin (2003: 97) "as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta". Assim a Formação Discursiva presente remete a uma visão de mulher presente nas

sociedades capitalistas em que a mulher "serve ao homem". Os jornalistas, em especial, as mulheres jornalistas, conforme vimos no aparato teórico, dadas as forças e interesses que sobre eles operam e se confrontam, quando falam e interpretam sentidos, não dizem o que querem, mas sim, formulam enunciados de acordo com o lugar social que ocupam sem tomar consciência deste fato devido ao contexto histórico-ideológico que sobre eles atua.

As FDs presentes nos discursos analisados existem historicamente no interior de determinadas relações de classe e derivam de condições de produção específicas; identificando um domínio de saber e dissimulando, pela transparência de sentido que nelas se constituem. Por vezes essas FDs se confrontam porque representam posições sociais e ideológicas entre si, agrupando saberes e demandas de classes que se contrapõem, no caso deste estudo, homens X mulheres X posição social X política.

As FDs ocorrem, nos artigos que serviram de referência, num contexto ideológico e político, no seio de uma formação social e numa conjuntura histórica determinada e cuja configuração discursiva é uma constante e tem a ver com os diferentes movimentos sociais ocorridos no país e mesmo no exterior ao longo do tempo.

5 Referências Bibliográficas:

- CAZARIN, Ercília Ana. Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- FERRÉS, Jean. Televisão e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- GOHN, Maria G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo; Loyola, 1997.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- MARTINS, Antônio Carlos Soares. *Linguagem, subjetividade e história: a contribuição de Michel Pêcheux para a constituição da análise do discurso*. Professor Adjunto do Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes. Universidade Federal de Minas Gerais; *e-mail*: antonio.carlos@unimontes.br
- Unimontes Científica V.6 n.1 - Janeiro/Junho de 2004 ISSN 1519-2571
- MESSEDER, Carlos A. e FAUSTO NETO, Antonio (org.) *Comunicação e Cultura Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Compós: 1993.
- NAVARRO, Pedro (UEM). *Discurso, sentido e mídia: a produção de imagens de identidade coletiva*
- ORLANDI, E.P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez Editora-Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*, (1969), in GADET, F. & HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.
- ROMÃO. Lucília Maria Sousa. (FF-CLRP/USP) *O Discurso Jornalístico Impresso e Eletrônico: Considerações sobre o Sujeito* - apresentado no XXI Encontro Nacional da ANPOLL - Domínios do saber: história, instituições e, práticas, realizado de 19 a 21/07/2006 na PUC-SP em São Paulo

Endereços eletrônicos:

As Interfaces da Análise de Discurso no Quadro das Ciências Humanas *por Maria Cristina Leandro Ferreira* - 10/05/2004 http://www.discurso.ufrgs.br/article.php3?id_article=3